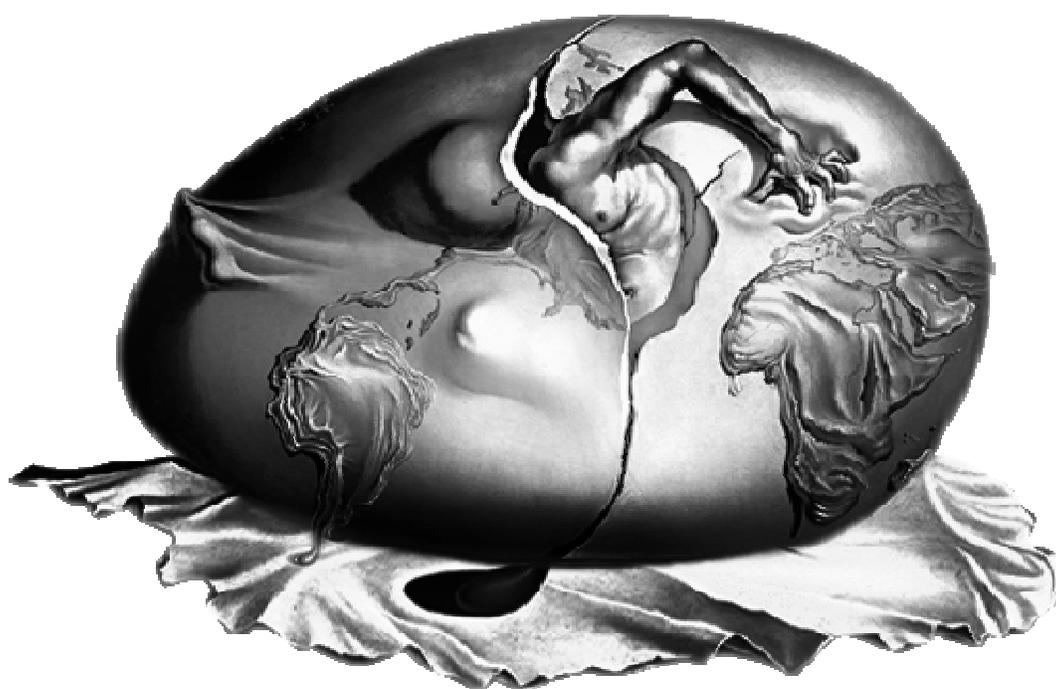


BOLETIM *PRESENÇA*

ANO I, nº 02, 1994



UNIR

DOCUMENTO: SUPORTE DA MEMÓRIA E FONTE DA HISTÓRIA*

ARNEIDE B. CEMIM**

Resumo

A percepção e o reconhecimento do elemento de intencionalidade perpassa e constitui a categoria "documento" desde os "*Analles*" até a "*Nouvelle Histoire*". De tal maneira que se propõe a ampliação da noção de documento de modo a reconhecer em todo documento um monumento. Ou, dito de outro modo, o que se propõe é a descoberta dos fios - muitas vezes invisíveis - que conduzem ao poder. O poder que lhe deu origem e o preservou - a chamada memória histórica, e o saber-poder que os institui - os interesses da pesquisa e do pesquisador. (Foucault *apud* LE GOFF, 1990).

Palavras-Chave: Documento, Memória e História.

Abstract :

The perception and the recognition of the element of intencionalidade perpassa and it constitutes the category " document " from " Analles " until Nouvelle Histoire ". In such a way that intends the amplification of the notion of way document to recognize in every document a monument. Or, dictates in other way, which she propose it is the discovery of the threads - many invisible times - that lead to the power. The power that gave him/her origin and it preserved him/it - the call historical memory, and the to know-can that institutes them - the interests of the research and of the researcher. (FOUCAUT APUD READS GOFF, 1990).

Words-Key: I document, Memory and History.

O processo de conceituação sustenta-se em duas características básicas dos conceitos: a extensão e a compreensão. Da tensão entre o sentido amplo e o sentido estrito surge a discussão conceitual e com ela o problema da definição.

Em sentido amplo, "documento (...) é todo e qualquer suporte da informação" (CASTRO *et alii*, 1988:19). Trata-se portanto de algo físico, funcionando como veículo para idéia, definida como incorpórea e abstrata. A idéia, na linguagem documentária, é a informação.

Em sentido mais restrito, documento é "todo material escrito, cartográfico, fotocinematográfico, sonoro" (IDEM, IBDEM. p.19). Ou seja, tudo aquilo cujo suporte é o papel e seus "congêres", a película fotográfica, a fita magnética, o vinil, e mais recentemente o disco-laser.

Entretanto, "...a História faz-se com muito mais do que isso. Há 'n' tipos de documentos. No sentido *lato*, aqueles cujo suporte não são papel e os que ultrapassam as fronteiras da arquivística tradicional" (BELLOTTO, 1989:7).

Para Le Goff, a História faz-se "...com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais (os documentos escritos). Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas." (LE GOFF, 1990:540).

Para este ponto convergem as concepções, as fontes e os métodos da "Nouvelle Histoire" e os "...apelos de certos historiadores franceses por uma nova arquivística para uma nova história" (BELLOTTO, 1989:7).

Analisando a categoria "documento" Le Goff (1990) discute as variações de significado que o conceito assumiu ao longo da história, até emergir e destacar-se de um conjunto de categorias: prova, instrumento, testemunho, monumento.

O caráter de prova jurídica, funcional e administrativa constituiu a primeira finalidade dos documentos escritos. Sua apropriação pela historiografia guardou as marcas dessa origem e fez escola - o positivismo e sua formulação emblemática: a História se faz com documentos (escritos) e isenção. Isto é, imparcialidade a despeito dos interesses.

Assimilado enquanto prova histórica para a escola positivista do século XIX, a categoria documento em seu processo de constituição foi mediada pelo conceito de monumento do qual apreendeu o caráter de intencionalidade. Deste modo Le Goff assinala que para os historiadores positivistas do século XIX e início do século XX o

documento "...será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador (...). A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento" (LE GOFF, 1990:536).

A percepção e o reconhecimento do elemento de intencionalidade perpassa e constitui a categoria "documento" desde os "*Analles*" até a "*Nouvelle Histoire*". De tal maneira que se propõe a ampliação da noção de documento de modo a reconhecer em todo documento um monumento. Ou, dito de outro modo, o que se propõe é a descoberta dos fios - muitas vezes invisíveis - que conduzem ao poder. O poder que lhe deu origem e o preservou - a chamada memória histórica, e o saber-poder que os institui - os interesses da pesquisa e do pesquisador. (Foucault *apud* LE GOFF, 1990).

Ao mesmo tempo, as inúmeras possibilidades de apreensão e análise de novas fontes põem em questão a própria tipologia documental. Indaga-se acerca da pertinência da estrutura tradicional dos instrumentos de pesquisa histórica frente às demandas e as multiplicidades de fontes da historiografia na atualidade. Neste sentido, Le Goff adverte para a necessidade de se "...elaborar uma nova erudição capaz de transferir (o) documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica". (LE GOFF, 1990:549).

Entretanto, BELLOTO (1989) ressalta a preponderância do "documento de arquivo" no trabalho historiográfico. E os manuais de arquivologia e arquivística seguem a tipologia tradicional classificando os documentos de arquivo segundo o gênero: TEXTUAIS (manuscritos, datilografados ou impressos), AUDIOVISUAIS (filmes, fotografias, microfilmes, discos, fitas magnéticas), CARTOGRÁFICOS (mapas, atlas, plantas), e ICONOGRÁFICOS (desenhos, gravuras...); segundo a espécie: mensagem, ata, relatório, ofício, decreto, carta... E segundo a natureza do assunto: sigiloso, secreto, reservado, ordinário... (Cf. CASTRO *et alii*, 1988:42-5).

Deste modo, discutir o documento enquanto tal, parece ser a questão preliminar no momento de constituição dos "fundos" de um arquivo histórico, uma vez que eles não irão parar ali por acaso (Cf. BLOCH *apud* LE GOFF, 1990:544). Da discussão do documento chega-se a noção de que o objeto histórico é construído e constitui-se historicamente.

Compreende-se portanto o documento de arquivo como um "...conjunto de discursos de facto pronunciados, que continua a funcionar, a transformar-se ao longo da história (segundo regras de formação, de existência e coexistência que lhe

são próprias), que dá a possibilidade de aparecimento a outros discursos".(Foucault *apud* Griset. In: LE GOFF *et alii*, 1989:58-9).

Discursos científicos, filosóficos, políticos e culturais. Fornecendo dados ao historiador, ao geógrafo, ao antropólogo, ao sociólogo, ao estatístico e ao literato... Capaz de constituir-se em suporte da memória e fonte da história ao restituir a sua própria historicidade, desvendando o modo de produção dos documentos de arquivos, o seu meio histórico, a problemática que os institui e os poderes que sustenta.

BIBLIOGRAFIA:

BELLOTTO, H. L. O Sentido da Descrição Documental. Boletim do Centro de memória da UNICAMP. Campinas, 1, (1):7-10, jan/jun., 1989.

CASTRO, A. M. *et alii* Arquivística/Arquivologia. RJ. Ao Livro Técnico, 1988.

GRISSET, A. Foucault, um Projeto Histórico. in: LE GOFF, J. *et alii* História e Memória.: Campina, UNICAMP, 1990.

LE GOFF, J. História e Memória. Campinas, UNICAMP, 1990.

SHELENBERG, T.R. Documentos Públicos e Privados: Arrojo e Descrição. RJ. FGV, 1980.

****Professora Assistente do Departamento de Filosofia e Sociologia/UNIR e Membro do Centro Interdisciplinar de de Estudos e Pesquisas sobre o Imaginário Social**

*Artigo escrito para o Simpósio - Arquivo e Documentação - promovido pelo Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UNIR (CDPH-UNIR), nov. de 1992.